

A ECONOMIA SOLIDÁRIA DE PAUL SINGER: TEORIA E PRÁTICA EM UMA COOPERATIVA DE CATADORES NA CIDADE DE GOIÁS

PAUL SINGER'S SOLIDARITY ECONOMY: THEORY AND PRAXIS IN A WORKERS COOPERATIVE OF WASTE PICKERS IN GOIÁS

Jaqueline Vilas Boas Talga

 <http://lattes.cnpq.br/4670618791732942>

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (2006), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (2013) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (2018).

Tiago Camarinha Lopes

 <http://lattes.cnpq.br/4716682919068870>

 <https://orcid.org/0000-0002-5907-777X>

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universität Frankfurt a. M., Alemanha (2009), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (2011) e doutorado em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (2015).

RESUMO

O artigo apresenta o conceito de Economia Solidária elaborado pelo economista e professor brasileiro Paul Singer, indicando que ele é resultado da combinação das raízes da Economia Política radical europeia durante a Revolução Industrial com as sabedorias populares latino-americanas em relação a alternativas ao sistema econômico capitalista. Relatamos a primeira etapa da experiência de formação de uma cooperativa popular e de trabalho, no setor da triagem de materiais recicláveis, que se desenvolveu de 2019 a 2021 na Cidade de Goiás, GO, Brasil. Analisando os aprendizados coletivos nesse processo, apontamos para duas principais lições: a economia é um assunto a ser tratado pelo povo diretamente e a Economia Solidária é uma modalidade ainda mais ampla de proposta de alternativa ao capitalismo, porque não se reduz às origens do cooperativismo europeu do século 19.

Palavras-chave: Economia Solidária, autogestão, Paul Singer, cooperativismo

ABSTRACT

The paper presents the concept of Solidary Economy proposed by the economist and Brazilian professor Paul Singer. We indicate that Paul Singer's idea of Solidary Economy is a mixture of radical Political Economy thought originated in Europe during the Industrial Revolution and the wisdom of Latin American people to find alternative paths to the capitalist economic system. We report the first stage of the formation of a popular cooperative in the sector of recycling that occurred between 2018 and 2021 in Cidade de Goiás, Goiás, Brazil. Our analysis of this collective endeavor leads to two main lessons: first, economics is a matter to be discussed by the people directly and the Solidary Economy is an even broader proposal of alternative to the capitalist economy than Paul Singer imagined, because its roots are not restricted to the European cooperativism of the 19th century.

Key words: Solidarity Economy, self-management, Paul Singer, cooperativism

1. Introdução

O pensamento econômico de Paul Singer (1932-2018) é um legado que ainda terá muita repercussão, tanto no país como no mundo. Este artigo faz uma apreciação crítica do conceito de Economia Solidária, elaborado por Paul Singer a partir dos anos 1990, a partir do processo de incubação de uma cooperativa de trabalho de catadoras e catadores de materiais recicláveis na cidade de Goiás, Brasil, que ocorre desde 2018. A formação de uma cooperativa de trabalho nos moldes da Economia Solidária é um processo educativo que envolve dezenas de pessoas entre trabalhadores, gestores públicos e educadores. No caso em questão, uma cooperativa popular de coleta e triagem de materiais recicláveis, todos os participantes fazem parte da implementação do programa municipal de resíduos sólidos e fechamento do lixão local. Trata-se de uma política pública que beneficia toda a população e o ambiente. Ao incentivar a implementação do programa de coleta seletiva municipal e a necessária formação da cooperativa, trabalhando com a educação de diversos agentes, encontramos suporte filosófico e orientação teórica no conceito de Economia Solidária de Paul Singer.

Paul Singer foi um economista, professor e eminente intelectual que se tornou uma importante referência do pensamento econômico crítico no Brasil e demais países oprimidos pelo neoliberalismo. Após emigrar da Áustria no contexto da Segunda Guerra Mundial, construiu uma trajetória acadêmica e militante, tendo participado junto aos operários da Grande São Paulo de greves e mobilizações contra as ofensivas do capital. Seguidor da Economia Política de Marx e observador do socialismo soviético, viu-se desafiado a repensar o socialismo após o fim da URSS e a crescente ofensiva das políticas econômicas do consenso de Washington nos anos 1990. Contrariando a noção de que a criatividade é exclusividade dos jovens, Paul Singer retoma aos 60 anos de idade as experiências do cooperativismo revolucionário europeu das primeiras décadas do século 19 e elabora uma tese original de transição ao socialismo, baseado no que chama de Economia Solidária. Em sua visão, as cooperativas populares no contexto latino-americano são pontos de germinação de um novo sistema econômico, que se baseia em valores contrários ao etos capitalista: solidariedade, autogestão, participação coletiva, trabalho, renda partilhada, democracia, horizontalidade e educação libertadora.

A cooperativa de catadoras e catadores de materiais recicláveis precisa de uma filosofia adequada à sua missão de incluir as pessoas e proteger o ambiente. Por isso, ela deve ser um empreendimento de Economia Solidária.

Não se trata de uma empresa capitalista, mas sim de uma unidade econômica com outra lógica que não a da busca cega pelo lucro acima de tudo. A obra de Paul Singer tem nos auxiliado nessa reeducação de todos os agentes que se veem subitamente impelidos a implementar uma determinação que parte do Estado, uma política pública resultante de uma intensa disputa moldando o programa de defesa do bem-estar coletivo.

Para todos nós que nascemos e crescemos em sistema em que a busca pelo lucro está sempre em primeiro lugar, é um grande desafio imaginar e construir uma economia que se guia pelo cuidado com o ser humano e a natureza.

O artigo apresenta na sessão 2 a trajetória intelectual e militante do professor Paul Singer. Em seguida, desenvolvemos na sessão 3 o conceito de Economia Solidária a partir de quatro características que mostram como o pensamento econômico da humanidade pode ser plural, diverso, inclusivo e acolhedor. Na sessão 4, a mais relevante em termos da demonstração da união entre teoria e prática, relatamos o processo de constituição da cooperativa de catadores e catadoras de materiais recicláveis na Cidade de Goiás.

As notas finais encerram este artigo explicando as duas principais conclusões: primeiro, a Economia Solidária é um modo de produzir e viver que não se restringe ao século 19 na Europa, mas está presente nas sociedades humanas ao longo da história, desde os povos ameríndios, em pequenos agrupamentos humanos, até os poros das grandes metrópoles. Segundo o intelectual orgânico na acepção de Gramsci, especialmente na área da ciência econômica, possui o potencial de contribuir para a transformação prática da realidade na direção de uma sociedade inclusiva e solidária.

2. Paul Singer: criatividade não tem idade

Paul Singer enquanto pensador da economia é um exemplo da força da criatividade na melhor idade. Numa época em que é urgente resgatar o diálogo intergeracional, sua trajetória inspira jovens e anciãos a se conectarem em prol de uma economia verdadeiramente humana. Para compreender melhor porque o nome de Paul Singer consegue agregar pessoas de todas as idades em torno do debate econômico, precisamos entender o contexto no qual este pensador abraça a Economia Solidária.

Nascido na Áustria em 1932, Paul Singer mudou-se ainda criança para o Brasil com a família devido à Segunda Guerra Mundial. De origem judia, os Singer tinham pequenos comércios nos bairros operários de Viena e encontraram em São Paulo um local seguro para sua casa nos anos 1940. O jovem Paul Singer fez o curso de eletrotécnica no ensino médio da Escola Técnica Getúlio Vargas e trabalhou como eletrotécnico nos anos 1950. Ele se juntou ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e foi um dos líderes de uma importante greve dos operários paulistas em 1953 (Mantega (1999)).

Ainda nessa primeira etapa de vida, iniciou suas atividades políticas. A militância política no Partido Socialista Brasileiro (PSB) e sua experiência operária o levaram a estudar economia de forma autodidata. Leu Marx, Engels e Rosa Luxemburgo e na segunda metade dos anos 1950 frequentou a Universidade de São Paulo, graduando-se em economia em 1959. Nos anos 1960 Paul Singer passa a atuar como professor na Universidade de São Paulo e segue seus estudos e pesquisas de pós-graduação. Sua linha de investigação focava no desenvolvimento urbano e na análise crítica do capitalismo. Sua inserção intelectual e militante foi relevante para uma aproximação entre a intelectualidade Marxista brasileira e a organização da classe trabalhadora.

Nos anos 1970 Paul Singer foi aposentado compulsoriamente e passou a atuar no CEBRAP (Centro Brasileiro de Pesquisa e Planejamento), uma organização não-governamental de compilação e análise da dinâmica populacional e econômica do Brasil criado por intelectuais e professores afastados de suas funções originais pelo regime militar. Nesse período publicou obras de interpretação da realidade do mercado de trabalho e desempenho econômico do Brasil, enfatizando a persistência da crise e da desigualdade.

Nos anos 1980 Paul Singer retoma suas atividades como docente na PUC-SP e se soma ao movimento de organização e fundação do Partido dos Trabalhadores. Próximo de Luiz Inácio Lula da Silva, Singer esteve presente nas elaborações dos programas econômicos das candidaturas do Partido dos Trabalhadores, principalmente em São Paulo.

O final dos anos 1980 é um momento de grande transformação para a realidade brasileira. A redemocratização ocorre dentro um contexto internacional novo, que significou o fim do breve século 20 (Hobsbawm, 1995). Com a queda do muro de Berlim em 1989 e a ofensiva neoliberal na América Latina, o projeto socialista de sociedade precisava ser repensado. Singer já acompanhava criticamente o desenvolvimento histórico e político da União Soviética e do Leste Europeu ao longo do pós-Segunda Guerra.

Mesmo no contexto de ascensão do discurso antistalinista que ganhou muita força no Ocidente a partir dos anos 1950, Singer sempre teve a perspectiva socialista como horizonte. Foi nessa ocasião que surgiu a oportunidade de plantar a semente de um novo conceito de transformação da economia. O então líder operário e candidato a presidente da República do Brasil, Lula, pediu a Paul Singer e seus colaboradores que realizassem uma série de seminários sobre a economia socialista. O propósito era refletir sobre a conjuntura global e os novos caminhos possíveis em direção ao socialismo (Tavares e Lopes, 2018).

Como resultado dessas reflexões envolvendo pessoas com diferentes experiências de vida, diferentes áreas de atuação, e variadas visões acerca do que é ou deva ser o socialismo, Paul Singer encontrou, na casa dos 60 anos de idade, um novo conceito capaz de aglutinar essa pluralidade de correntes apoiadoras do socialismo. Ele batizou esse novo conceito de Economia Solidária e o sistematizou principalmente em dois livros: *Uma utopia militante* e *Introdução à Economia Solidária*.

O conceito de Economia Solidária está, portanto, intimamente relacionado com o conceito de construção do socialismo. Trata-se de uma visão gradualista no sentido não etapista, mas sim de acúmulo e incremento contínuo de longo prazo, baseado no trabalho cotidiano de formação política, econômica e filosófica. A Economia Solidária não é simplesmente um sistema econômico nem um sistema político. Ela também não é uma filosofia separada do mundo material. A Economia Solidária é uma cosmovisão de organização da reprodução material dos seres humanos em harmonia uns com os outros e com a natureza, da qual fazem parte (Silva e Lopes (2018)).

Para Singer, o processo revolucionário com base na tomada do Estado apenas não tem condições de ser completado com sucesso. Isso porque a transição para uma economia e sociedade pós-capitalista requer também uma renovação sistêmica no modo de interação entre todos os membros da sociedade. E esse novo modo de interação se assenta numa nova forma de educação social. O modelo de organização de um partido revolucionário e domínio do monopólio da violência estatal, conforme preconizado e praticado pelo Partido Bolchevique de Lenin, possui lacunas importantes que precisam ser reconhecidas, segundo Singer. Uma das lacunas mais significativas seria a falta de confiança na organização autônoma da base, a falta de confiança em iniciativas populares que proliferam sob diferentes formas como ações anticapitalistas dentro do próprio capitalismo. O conceito de Economia Solidária proposto por Singer faz um resgate das bases humanistas do movimento socialista, sem abandonar a solidez teórica elaborada por Marx.

É um convite de comunicação entre o Marxismo e demais correntes socialistas, alinhada com os fundamentos da pedagogia libertadora conforme elaborado por Paulo Freire.

Acredita-se que a criatividade é uma característica dos jovens, e que os mais experientes não teriam a mesma capacidade de inovação e invenção. Desafiando esse senso comum, Paul Singer, em plena maturidade intelectual, mostra que não estamos condenados a repetir raciocínios passados e que podemos criar alternativas. Nesse contexto, ele faz uma revisão profunda sobre a história do movimento socialista que o aproxima do cooperativismo.

Segundo Singer, as primeiras organizações da classe trabalhadora sob o capitalismo foram iniciativas de formação de cooperativas na primeira metade do século 19 na Europa. Algumas dessas iniciativas adquiriram expressão intelectual no que se convencionou chamar de socialismo utópico. Robert Owen e seus experimentos de fábricas autogeridas e com forte ênfase no processo educativo são os maiores exemplos disso que Singer chama de cooperativismo revolucionário. Trata-se de uma forma de organização das unidades de produção que se baseiam em valores morais e éticos distintos daqueles que o capitalismo promove. Igualdade e humanização entre os envolvidos no processo econômico são duas constantes desta linha. Paul Singer destaca que essa forma de organização foi perdendo espaço conforme o capitalismo se desenvolveu e se financeirizou, porque a dinâmica capitalista de acumulação e concentração inviabiliza a sustentabilidade econômica de cooperativas que colocam os seres humanos acima dos lucros.

Transferindo esse movimento de auto-organização da Europa, que teve seu apogeu nos anos 1820, para a América Latina sob o jugo do neoliberalismo nos anos 1990, Paul Singer argumenta que iniciativas populares de fundação de cooperativas emergem como enfrentamento à incapacidade do capitalismo de gerar empregos. Tais iniciativas teriam o potencial de se desenvolver e formar redes de apoio mútuo, de modo que sua dependência em relação ao mercado capitalista fosse superada progressivamente. Idealmente, tal desenvolvimento poderia gerar uma ruptura “por dentro” com o atual sistema econômico, abrindo caminho para um novo tipo de transição.

Esse é o panorama que Singer vislumbra ao olhar para o início do século 21. Como teoria e prática sempre estiveram juntos em sua atuação, Paul Singer atuou desde então como incentivador, educador e apoiador de todas as iniciativas de Economia Solidária. Ele exerceu funções de liderança em âmbito nacional dentro da Secretaria Nacional de Economia Solidária, criada e consolidada durante os governos de Lula e Dilma.

Isso teve um impacto muito positivo na criação de renda junto aos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil ao longo dos anos 2000, até meados dos anos 2010. Com o golpe parlamentar de 2016, toda essa rede foi desarticulada e a Economia Solidária deixou de contar com o suporte institucional do governo federal, que foi capturado pelo imperialismo financeiro.¹

3. Economia Solidária: princípios da economia humana

O conceito de Economia Solidária de Paul Singer é muito rico e inspirador. Contudo, entendemos que a Economia Solidária vai além do formato dos empreendimentos cooperativos europeus da primeira metade do século 19, quando existiu um movimento cooperativista revolucionário (Singer, 2002). Em nossa perspectiva, a Economia Solidária da qual Paul Singer fala é uma forma específica de um conceito mais amplo. As cooperativas relacionadas ao movimento socialista utópico são a modalidade europeia da economia humana. Ou seja, a Economia Solidária é essencialmente uma organização econômica baseada em princípios humanitários. Por esse motivo, existem na literatura muitos nomes para designar tal arranjo do sistema de produção e distribuição, como por exemplo, “Economia Social”, “Economia Popular”, “Economia Sustentável”, “Socioeconomia Solidária”, etc.

Em comum, todos esses nomes se referem a um modelo de economia que é centrado no ser humano e que acolhe toda a diversidade humana em sua relação harmoniosa com a natureza. Pluralidade, diversidade, inclusão e proteção são características fundantes da Economia Solidária. Para os nossos propósitos, iremos destacar quatro pontos que permeiam o pensamento de Paul Singer e que também estão presentes em todas as modalidades disso que podemos chamar de modo de produção para a vida.

¹ Sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff e sua relação com a geopolítica internacional, ver a entrevista concedida por Moniz Bandeira (2016).

3.1. Autogestão e fim da exploração

O primeiro elemento que identificamos nas obras de Paul Singer e em sua visão para uma economia alternativa é a vontade de acabar com a exploração, tanto do ser humano sobre o ser humano, como do ser humano sobre a natureza. A exploração é marcante em todas as sociedades de classes. Na sociedade capitalista a forma de exploração da classe trabalhadora é bastante complexa. Como superar a exploração e todas as formas de opressão que lhe são características? No universo da Economia Solidária, além da solidariedade, existe um outro elemento sem o qual não é possível dar o primeiro passo rumo a um novo sistema. Trata-se da autogestão. A autogestão é uma maneira de organizar o trabalho social totalmente diferente da maneira com a qual estamos acostumados.

Em todas as sociedades de classes, a atribuição das tarefas necessárias para a reprodução material do coletivo, como arrumar e preparar alimentos, construir abrigos, produzir ferramentas e utensílios, educar as novas gerações, cuidar dos necessitados e etc. segue uma lógica pautada pela hierarquia verticalizada. No topo temos uma figura que simboliza o poder absoluto, e na base temos o último nível de indivíduos que se comportam como servos. Estes não têm qualquer direito de participar do processo decisório sobre como serão conduzidas as tarefas. A função é apenas trabalhar, executar serviços sem que se pense a respeito dos mesmos, sem que se reflita sobre o funcionamento da sociedade e sobre as possibilidades de sua configuração.

Na proposta da Economia Solidária, ocorre o contrário. Aqui, não há uma determinação prévia sobre como as tarefas serão realizadas ou quem as realizará. Tudo deve ser discutido democraticamente e as decisões devem ser tomadas coletivamente. Todos e todas têm direito a voz e voto, de modo que emerge assim a imagem de uma democracia radical. A autogestão não é, no entanto, apenas alegria. O processo auto gestor é extremamente exigente, de um modo muito salutar. Para que a autogestão não se degenere em caos e as discussões não tenham encaminhamentos adequados, todos os envolvidos devem estar fortemente engajados e interessados nos assuntos em pauta. Isso é um desafio, porque tal situação requer que todos conheçam o máximo possível sobre uma quantidade muito grande de assuntos.

Conforme Paul Singer, o principal inimigo da Economia Solidária não é uma entidade externa, mas sim o próprio desinteresse dos participantes nas matérias que exigem deliberação coletiva. A autogestão é fundamental para o fim da exploração, porque é a partir dela que a alienação pode ser superada.

O indivíduo que se insere na sociedade sem assumir conscientemente sua função está à mercê do controle alheio e, mesmo que tenha uma condição material satisfatória de modo que se torna praticamente impossível perceber seu aprisionamento, estará na condição de explorado e submisso.

3.2. Solução não violenta para as contradições e conflitos

Um segundo aspecto presente no pensamento de Paul Singer e que aparece a todo instante na Economia Solidária é a busca por soluções não violentas. A história das sociedades humanas registra que ações violentas entre seres humanos é uma constante com grau variado dependendo do poder tecnológico em questão. Também é notório que todas as sociedades divididas em classes possuem estruturas organizadas de violência institucional, que é o Estado. Desse modo, a violência é um recurso muito difundido para sustentar sociedades que são compostas por partes com interesses divergentes. De um modo geral, podemos dizer que a violência é o recurso menos humano de resolução de conflitos entre humanos.

Os conflitos a que nos referimos aqui não são aqueles mais sistêmicos, como os interesses econômicos globais de uma classe social inteira, mas principalmente àqueles mais pontuais dentro de um mesmo grupo que não se polariza em relação à luta de classes. Por exemplo, uma comunidade que deve decidir se constrói um campo de futebol ou um palco para teatro pode não chegar a um acordo porque existem apoiadores aos dois projetos. É justamente nesse tipo de conflito que a modalidade de solução não violenta da Economia Solidária se insere. São posições antagônicas não relacionadas a antagonismos de classe.

No âmbito da Economia Solidária, a construção da autogestão sempre enseja episódios de conflitos. Isso porque, como cada um e cada uma tem liberdade plena para defender sua posição, sempre aparecem momentos em que opiniões contrastantes precisam convencer o maior número possível de pessoas para serem consideradas justas do ponto de vista do coletivo. A resolução dessas divergências requer diálogo, entendimento e empatia pelo próximo, justamente porque, estando todos do mesmo lado na luta pela construção de uma nova sociedade e economia, toda divergência pode ser solucionada com o debate organizado, que culmina na votação. Nos empreendimentos econômicos de Economia Solidária, cada participante tem direito a um voto,

diferente do que ocorre, por exemplo, nas sociedades por ação, em que o indivíduo pode comprar mais votos adquirindo mais ações e assim ter um poder maior sobre o processo decisório de condução dos negócios.

Todos os episódios de conflitos no processo de construção da Economia Solidária são momentos muito ricos de aprendizado, reconhecimento recíproco e reforço dos valores de igualdade. Quem participa de assembleias democráticas passa por um processo educativo emocionante de pertencimento e valorização enquanto sujeito ativo na definição dos rumos de toda a sociedade. Dissolvendo as tensões pelo debate que se orienta pela máxima de que todos são aprendizes e professores, a depender do assunto em questão, a Economia Solidária expurga a violência como modalidade de resolução de conflitos e envolve todos e todas numa espécie de educação revolucionária.

3.3. Superação do capitalismo pela formação em Economia Solidária

Conforme apresentado, o conceito de Economia Solidária de Paul Singer é uma atualização de seu pensamento em relação à superação da economia capitalista. Uma das teses mais polêmicas que Paul Singer defende é a de que a Economia Solidária é um modo de produção completo, no sentido de ser um sistema econômico integral, independente e autossustentado. Essa tese é controversa, não só porque ela se contrapõe diretamente ao discurso hegemônico de que não há alternativa ao neoliberalismo financeiro, às vezes chamado de discurso TINA (There Is No Alternative [não há alternativa]), mas também porque entre os críticos da economia dominante não há consenso sobre se a Economia Solidária consegue sobreviver sozinha, independente do sistema econômico capitalista. Em específico, o argumento de Paul Singer é bastante criticado neste ponto porque praticamente todas as experiências reais de Economia Solidária são unidades econômicas que nascem e se desenvolvem dentro do sistema capitalista, sendo muitas vezes dependente da própria dinâmica de mercado e vítima de todas as contradições que constituem o capitalismo.

De fato, as diversas cooperativas fundadas no século 19 a partir de uma ética anti-individualista e pró-coletivista operaram dentro dos limites e das regras de mercado. A realidade do século 20, que abarca todas as iniciativas de Economia Popular para produzir e distribuir riquezas, não é muito diferente uma vez que o capitalismo continuou sendo o modelo dominante no Ocidente. Neste sentido, o próprio Paul Singer reconhece que a Economia Solidária nasce

dentro do capitalismo. O século 21 apresenta um desenvolvimento semelhante e vale a pena especular sobre o futuro para detalhar a tese da Economia Solidária como projeto de superação do capitalismo.

Devido aos diversos problemas criados pelo capital, como desemprego, concentração de renda e riqueza, poluição, empobrecimento material e espiritual, os trabalhadores e trabalhadoras se mobilizam para se defender e para melhorar suas condições de vida. Porém, como a formalização do mercado de trabalho revelou-se um processo limitado, muitas pessoas permanecem totalmente excluídas da dinâmica econômica capitalista. Em todo o globo, existe uma população crescente que não se insere no circuito econômico formal porque as forças produtivas se desenvolvem com tal velocidade que os postos de trabalho são praticamente todos automatizados, inclusive os que exigem maior qualificação e treinamento. Isso atrapalha a organização sindical de boa parte da classe trabalhadora, que sobrevive no setor informal, fazendo bicos, serviços avulsos ou mesmo estabelecendo empreendimentos individuais que permanecem invisíveis perante o Estado. Em determinadas ocasiões, formam-se grupos de ajuda mútua para trabalhar, produzir, vender e gerar renda. São nessas oportunidades que podem ser fundadas cooperativas, empresas cuja forma jurídica a distingue de uma empresa capitalista normal, porque seu propósito principal não é gerar lucro, mas sim viabilizar a reprodução econômica dos cooperados.

Tal empresa cooperativa, como destacado, opera dentro do mercado, que é dominado pela macrológica capitalista. A cooperativa precisa produzir e vender seu produto por dinheiro, no processo normal de competição que vigora no capitalismo. Desse modo, mesmo que tenha sido fundada com o propósito de autossustentação e não lucro, a cooperativa está inteiramente cercada por esse modelo. Por essa razão, a despeito de possuir uma filosofia solidária e humanizadora, a cooperativa é contaminada constantemente com o ethos individualista e auto interessado pelas relações que ela mantém com o capitalismo. A Economia Solidária nasce dentro do capitalismo e depende dele para respirar e se alimentar, do mesmo modo que um bebê é gestado no corpo da mãe.

Ocorre que, segundo Paul Singer, após o nascimento existe a possibilidade de rompimento e independência. Desde que haja um processo educativo interno dos cooperados e cooperadas, e uma crescente associação entre as diversas cooperativas que nascem em diversos pontos dentro do capitalismo, o setor da Economia Solidária pode se tornar forte e grande o suficiente para não mais precisar se relacionar com o mercado capitalista. Nesse caso, todas as transações e relações econômicas poderiam ocorrer entre unidades econômicas solidárias. Conforme esse setor crescesse, mais e mais pessoas iriam aderir a esse modelo, fugindo do sistema capitalista e

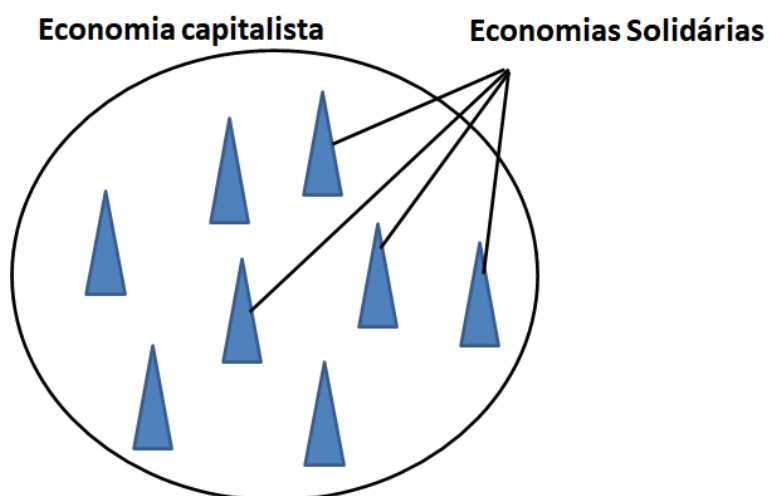
fortalecendo ainda mais a Economia Solidária. Ao final do processo, haveria então ocorrido a superação do capitalismo.

3.4. Revolução política baseada na micro transformação cotidiana através da educação

O quarto elemento da Economia Solidária, em linha com o pensamento de Paul Singer, é que a transformação da ordem política não decorre de um programa definido de antemão e implementado por uma liderança. A mudança política e social é resultado de atividades no nível micro, quer dizer, atividades de politização que ocorrem no cotidiano a partir da resolução de tarefas regulares de trabalho e organização. Assim, o papel da educação é central para a revolução política que Paul Singer advoga.

Esse tipo de ação se aproxima da metodologia do educador brasileiro Paulo Freire. De modo muito resumido, tal metodologia consiste em promover e incentivar dinâmicas de interação e apropriação do problema pelos próprios sujeitos afetados pela questão. Com isso, emerge a dinâmica da autogestão já apontada e se inicia uma primeira etapa de politização. Nos momentos posteriores, a cada novo desafio de organização coloca-se uma nova oportunidade de trabalhar como os participantes se inserem na sociedade. Isto é, como a cooperativa, por exemplo, se insere na cidade, em qual setor ela atua, quem são os concorrentes, como a cidade se integra na economia regional e nacional, até a análise da geopolítica global.

No ápice destas micro ações, estaria a ação política coordenada entre as diversas unidades de Economia Solidária. Nesse sentido, existe uma trajetória ascendente de politização, que no começo apenas resgata e valoriza a dignidade humana de pessoas que se encontram totalmente excluídas pela economia capitalista. Em seguida, há uma inserção cidadã e cultural dos indivíduos, com consolidação de sua autoestima. Por fim, a criação de redes e parcerias entre organizações autogestionárias abriria caminho para a superação do capitalismo. As seguintes ilustrações representam visualmente nossa leitura da obra de Paul Singer

Figura 1: Economias Solidárias dentro da economia capitalista

A figura 1 identifica as diversas iniciativas de economias solidárias como triângulos. São as economias populares que brotam em brechas da teia global da economia capitalista. Apesar de pequenas e pulverizadas, elas possuem o potencial de conexão, que depende do processo de organização conjunta de todas essas iniciativas, representado pela figura seguinte.

Figura 2: Politização ascendente dentro da unidade de Economia Solidária



A figura 2 explica que o processo de organização política de superação da economia capitalista pela Economia Solidária começa na base, onde o primeiro passo é resgatar a dignidade humana dos indivíduos que estão numa situação de completa exclusão. O fluxo ascende para etapas superiores, onde a auto-organização do trabalho para produzir e distribuir amplia a criatividade cultura e consolida a autoestima dos participantes. A unidade econômica solidária autogestionária e politizada culmina em uma consciência de que ela é pequena sozinha, mas muito forte conectada com as demais unidades que brotaram em outras localidades do sistema econômico capitalista. A conexão entre esses diversos pontos teria, segundo Singer, capacidade de suplantando o macrossistema do capital.

Ainda que as críticas à tese de Paul Singer sejam bastante robustas do ponto de vista teórico (ver por exemplo Wellen, 2008), entendemos que o debate sobre a relevância da Economia Solidária não se restringe a uma discussão escolástica sobre se ela é capaz ou não de superar o capitalismo. A relevância da Economia Solidária, como de qualquer outra coisa, no nosso entender, deve ser julgada pela sua capacidade de colaborar com o processo de formação, politização e educação dos sujeitos que fazem a História. E nesse quesito, todas as experiências de construção de empreendimentos econômicos solidários e populares, são exitosas no sentido de que toda práxis de conscientização da condição de explorado é válida para a superação dessa condição.

4. Incubação de uma cooperativa de catadores

Vamos agora olhar para um caso concreto em que a filosofia econômica de Paul Singer se manifesta na realidade. É importante destacar que o aspecto prático da Economia Solidária não é um apêndice da teoria, mas sim o verdadeiro guia para a sistematização do conhecimento. O episódio que aqui trazemos é a história da constituição de uma cooperativa de catadores e catadoras na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás que se localiza a 300 km de Brasília.

O contexto da fundação dessa cooperativa é a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Tal política está instituída pela Lei 12.305 de 2010, que determina os parâmetros para que todos os municípios brasileiros realizem a gestão de seus resíduos sólidos, de modo a proteger o meio ambiente e atenuar os efeitos poluidores da produção industrial em massa. Os resíduos sólidos são todos os materiais manuseáveis que são descartados após a etapa do consumo no circuito econômico. Uma das principais ações para a correta gestão de resíduos sólidos consiste na separação entre aqueles materiais que são mais facilmente decompostos pela natureza (orgânicos) e que podem ser acondicionados em aterros sanitários e aqueles materiais que podem ser reutilizados de novo no circuito produtivo (recicláveis).

Após essa questão ter avançado nas grandes cidades do país, atualmente há um esforço grande em implementar tal política nos municípios médios e pequenos. A Cidade de Goiás é uma localidade cujo valor histórico e cultural foi construído num esforço consciente permeado por conflitos e disputas contra o esquecimento (Delgado, 2005). Ela abriga o Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA) desde 1999, um evento regular onde são apresentadas produções cinematográficas e realizadas performances artísticas em torno da relação entre sociedade e natureza. Por ocasião da edição 2018 desse evento, realizamos uma mesa de discussão sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos na Tenda Multiétnica, contando com a participação de diversos sujeitos de diferentes campos e com distintas experiências. A discussão em roda possibilitou uma troca de ideias muito rica, e definiu a metodologia do nosso trabalho: decisões conjuntas e democráticas, em um ambiente dialógico. Ficou entendido que a Cidade de Goiás precisava resolver seu problema com o lixo. Afinal, todo o resíduo gerado na área urbana vinha sendo despejado há muitos anos numa área próxima, criando um lixão que estava poluindo a terra, a água e o ar. Além disso, como sói acontecer em economias terrivelmente desiguais como é o caso da economia brasileira, pessoas buscavam seu sustento nesse lixão.

Eram os catadores e catadoras locais, que garimpavam de toda aquela montanha de rejeitos os materiais que são comprados pela indústria para serem utilizados de novo como insumos produtivos. A indústria capitalista aprendeu há muito tempo que reutilizar certos materiais pode ser mais lucrativo do que refazer todo o processo de extração das matérias primas brutas. Desse modo, ao juntar e organizar cada um desses materiais em bags separados, os catadores e catadoras vendem tais resíduos (plásticos, papéis, vidros, cobre, etc.) e obtêm assim sua renda. Este é um trabalho especial no sentido que ele limpa e atenua os efeitos da poluição capitalista. O grande desafio era o seguinte: conforme a Lei 12.305/2010, o gestor municipal é obrigado a fechar os lixões. Isso significa que é mandatório bloquear o acesso das pessoas a esse espaço. A permanência no espaço do lixão é insalubre, e, portanto, proibido. Mas onde então essas pessoas poderiam continuar a realizar esse trabalho fundamental de limpeza e geração de sua própria renda?

A resposta estava nos ensinamentos da Economia Solidária. Era necessário fundar uma cooperativa de trabalho para ser instalada em um galpão de triagem, de modo que os catadores e catadoras pudessem continuar triando os materiais e preparando-os para a venda à indústria de transformação. Tais materiais chegariam ao galpão pela Coleta Seletiva, que agora coletaria os recicláveis previamente separados pela população.

Ao longo de 2019 foi então formada uma equipe do que chamamos de incubadores. São os agentes educadores responsáveis por facilitar o processo organizativo destes trabalhadores catadores e catadoras. Contamos nesse grupo com professores universitários, estudantes, religiosos, profissionais das áreas da contabilidade, direito e comunicação. Esse grupo recebeu o nome de Coletivo Recicla Goiás, enfatizando o poder da união e do trabalho em equipe para realizar tarefas cuja complexidade não pode ser contornada por esforços individuais e desorganizados. Após uma sequência de reuniões e encontros, contando com uma audiência pública na Câmara Municipal que selou o compromisso dos vereadores em apoiar o projeto no final de 2019, os catadores e catadoras realizaram uma assembleia em fevereiro de 2020 para fundar a Cooperativa de Catadores e Catadoras da Cidade de Goiás, com o nome fantasia Recicla Tudo.

Em conjunto com isso, foi iniciada a Coleta Seletiva no município, de modo que os materiais recicláveis fossem levados até o local de trabalho da cooperativa. Inicialmente a cooperativa contava com 7 cooperados e cooperadas, e ela foi instalada em um local provisório,

em uma casa com área para armazenar os materiais. Logo no seu primeiro ano de atividade, a cooperativa enfrentou os desafios da pandemia ao longo de 2020, que prejudicou a dinâmica dos encontros presenciais de formação. Mesmo assim, houve muita mobilização para que todos os processos burocráticos de formalização do empreendimento fossem vencidos e finalmente a cooperativa passou a trabalhar dentro do galpão de triagem da cidade, que fora construído há alguns anos e que era ocupado por um agente privado que usava o espaço para estocagem e revenda de materiais recicláveis.

Em 2021 a cooperativa conta com 9 cooperados e cooperadas que dividem entre si as diversas tarefas. A coleta pelos bairros da cidade é feita com o caminhão alugado pela cooperativa, que passa recolhendo os materiais recicláveis previamente dispostos na via pública pelos moradores. Neste aspecto houve e ainda há um trabalho permanente de conscientização ambiental e da importância da participação cidadã nesse projeto. O serviço de coleta seletiva solidária é contratado pela prefeitura, quer dizer, a prefeitura paga à cooperativa para que ela faça o serviço de recolhimento desse material. Esse foi o primeiro contrato formal que a Recicla Tudo celebrou com uma outra entidade e ele foi fundamental para avançar para as próximas etapas na gestão dos resíduos sólidos. As tarefas de triagem dentro do galpão são feitas em bancadas improvisadas e também ainda há falta dos meios de produção elementares, como veículos de tração e elevação e prensa para os materiais serem compactados. Os equipamentos de segurança individual eram até certo momento fornecidos pela prefeitura. Atualmente a cooperativa consegue, somando as entradas provenientes do serviço de coleta com as provenientes da venda dos materiais separados, garantir uma retirada de pôr volta de dois salários mínimos por mês em média para cada cooperado. Isso demonstra que o empreendimento funciona com sucesso, o que é reforçado pelo fato de que muitas pessoas querem agora se tornar cooperados, uma vez que a economia local não gera empregos suficientes para a população local.

O sucesso econômico da Recicla Tudo não é, no entanto, o maior trunfo do ponto de vista da Economia Solidária. Em nossa visão, a sustentabilidade econômica é importante sim, porém ela deve sempre estar subordinada ao processo de humanização e educação que ocorre ao longo de todo o processo de constituição de uma empresa que se pauta por valores alternativos aos valores individualistas do capitalismo. Durante toda a trajetória da formação dessa cooperativa, houve momentos de tensão, desentendimento, conflitos e atritos. Em todas essas ocasiões, os princípios da Economia Solidária elencados por Paul Singer nos orientaram e podemos assegurar

que foi isso que garantiu a continuidade do projeto. Toda empreitada coletiva é cheia de desafios e a consciência de que estamos juntos é determinante para a superação deles.

5. Notas finais

A presente pesquisa nos permite tirar duas principais conclusões.

Primeiro, a Economia Solidária não deve ser entendida apenas como um modelo de gestão da produção e distribuição baseada no cooperativismo europeu do século 19. Na verdade a Economia Solidária é mais um nome para uma ideia mais ampla e difundida em todas as épocas e lugares. Trata-se da ideia de configuração de uma economia que tem o ser humano em seu centro. Tal noção está presente nas sociedades humanas ao longo de toda história, desde os povos ameríndios, em pequenos agrupamentos humanos, e nas alternativas engenhosas que o povo trabalhador encontra nas grandes cidades capitalistas para viver a despeito de toda agressão do capital e outras formas de opressão.

Segundo, na área da ciência econômica, a influência e poder do intelectual é marcante. Isso porque a área do conhecimento chamada economia é integradora de muitos tópicos, de modo que existe um potencial grande de superação das barreiras entre distintos campos do conhecimento. Aqui, sociedade, história, cultura e natureza se mesclam de modo a descrever como nós, seres humanos, habitamos e transformamos nossa casa, nosso Oikos, a Terra. Nesse sentido, o intelectual orgânico conforme concebido por Gramsci (1975) tem muito a colaborar quando o que está em discussão é a economia que queremos construir.²

A Economia Solidária é um portal de entrada para um novo universo em termos não só da economia, mas da sociedade, da cultura e de nossa relação com a natureza. Levando em consideração que o pensamento econômico atual ainda é dominado pelos vícios da ideologia neoliberal e financista, Paul Singer representa o novo. Mesmo possuindo determinados limites devido à sua própria trajetória como militante e intelectual crítico ocidental, Paul Singer foi humilde em reconhecer que “aprender economia” (como se intitula uma de suas obras, Singer ([1983] 1988)) não é uma atividade restrita aos letrados e membros da elite dirigente. Aprender e ensinar ciência econômica é engajar-se na luta ao lado de trabalhadoras e trabalhadores de todos

² Para uma apresentação que contextualiza o papel do intelectual orgânico no presente, ver Semeraro (2006).

os setores, da educação à catação, da indústria ao serviço, na cidade e no campo. Neste século 21 que anseia por novidades verdadeiras, o pensamento de Paul Singer e a cosmovisão da Economia Solidária são pontos de partida seguros para a construção de um mundo realmente humano.

Bibliografia

BRASIL. Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636> [15/08/2016].

DELGADO, A. F. (2005). **Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”**. *Horizontes Antropológicos*, ano 11, no. 23, pp. 113-143. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000100007> [12/05/2021]

FREIRE, P. ([1968] 2013). **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra.

HANKE, D. e WINCK, B. R. (2010). **A economia solidária e a necessidade da superação da lei do valor**. *Revista Espaço Acadêmico*, vol. 10, no. 114. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10974>.

HOBSBAWM, E. (1995). **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras.

MANTEGA, G. e REGO, J. M. (organizadores) (1999). **Conversas com economistas brasileiros II**. São Paulo: Editora 34.

MONIZ BANDEIRA, L. A. (2016). **O golpe contra Dilma insere-se no xadrez da política internacional**. *Revista Princípios*, Edição no. 145, novembro/dezembro 2016. Disponível em <http://www.revistaprincipios.com.br/artigos/145/brasil/261/entrevista-com-moniz-bandeira-.html> [12/05/2021].

NUNES, D. (2009). **Incubação de empreendimentos de economia solidária. Uma aplicação da pedagogia da participação.** São Paulo: Annablume.

SEMERARO, G. (2006). **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.** *Cadernos CEDES*, Campinas, vol. 26, no. 70, pp. 373-391.

SILVA, M. A. S. e Lopes, T. C. (2018). **A educação para além do mercado: do individualismo no lixão à solidariedade na cooperativa.** *Anais da VI Conferência Internacional de Pesquisa sobre Economia Social e Solidária - CIRIEC "Economia Social e Solidária, Sustentabilidade e Inovação: enfrentando os velhos e os novos problemas sociais."* Manaus, AM, Brasil. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/ciriec/59479-a-educacao-para-alem-do-mercado--do-individualismo-no-lixao-a-solidariedade-na-cooperativa/> [12/05/2021]

SINGER, P. ([1983] 1988). **Aprender Economia.** São Paulo: Editora Brasiliense.

SINGER, P. (1998). **Uma utopia militante: repensando o socialismo.** São Paulo: Vozes.

SINGER, P. (2001). **Economia Solidária versus economia capitalista.** *Sociedade e Estado*. Vol. 16, no. 1-2, Brasília. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100005 [19/08/2016].

SINGER, P. (2002). **Introdução à Economia Solidária.** Fundação Perseu Abramo. São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3588256/mod_resource/content/1/SINGER%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Economia%20Solid%C3%A1ria%20-%20Livro%20completo.pdf

SINGER, P. (2008). **Economia Solidária (entrevista a Paulo de Salles Oliveira).** *Estudos Avançados*, vol. 22, no. 62, São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020 [13/11/2014].

TAVARES, A. G. e LOPES, T. C. (2018). **Nunca é tarde para acreditar: Paul Singer e a Economia Solidária como renovação da revolução socialista.** In: Roris, M. S. (Ed.) (2018). *Economia Solidária em Debate. Relatos do Encontro Goiano de Economia Solidária.* Volume 1. Goiânia: Editora da UFG.

WELLEN, H. (2008). **Contribuição à Crítica da Economia Solidária.** *Katálisis*, vol. 11, no. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802008000100010 [01/08/2017]

Artigo recebido em 13/07/2021

Aprovado em 17/06/2022

Como citar esse artigo:

TALGA, Jaqueline Vilas Boas; LOPES, Tiago Camarinha. A Economia Solidária De Paul Singer: Teoria E Prática Em Uma Cooperativa De Catadores Na Cidade De Goiás. **Revista de Economia da UEG.** Vol. 17, N.º 2, jul/dez. 2021.